

# ***Profetas da fraternidade***

## **Convite a rezar a Palavra**

---

"A fraternidade vivida em comunidade é uma forma alternativa de vida, é proposta contracultural; é, portanto, profecia. O individualismo difuso, a exclusão social, a homologação cultural são desafios aos quais a comunidade salesiana deve responder, mostrando que é possível viver como irmãos, compartilhar a vida e comunicar-se em profundidade... Viver juntos em comunidade é, sobretudo, vocação e não opção ou conveniência: somos convocados por Deus. A fraternidade encontra expressões fecundas no dom; ela requer que se descubra a gratuidade e a relacionalidade. Os jovens que se aproximam da vida consagrada ficam fascinados pelo modo de viver a fraternidade... As diversidades são uma riqueza a reconhecer e acolher também nas comunidades educativo-pastorais, nas quais diversas vocações".<sup>1</sup>

*"Deus nos chama a viver em comunidade, confiando-nos irmãos que devemos amar" (Const. 50): a vida comum é, portanto, "para nós salesianos exigência fundamental e caminho seguro para realizarmos a nossa vocação" (Const. 49). Com duas propostas de lectio G. Zevini convida-nos a fazer oração da vida salesiana e assim acolhê-la com reconhecimento como dom de Deus e testemunhá-la como "profecia em ato" (VC 85), pois "toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna em comum".<sup>2</sup>*

*A análise de dois dos três sumários relativos à vida da comunidade de Jerusalém é, logicamente, o primeiro texto a rezar. Lucas quis afirmar que no início da vida em comum dos discípulos, que pouco antes tinham atraindo o seu Senhor pode-se 'tocar' a força – o Espírito – que fez resurgir Jesus dos mortos. Uma vida fraterna, tecida de atenção às necessidades alheias e desapego dos bens materiais, é a prova tangível de uma vida nova e torna particularmente eficaz a proclamação do Senhor Ressuscitado.*

*O Espírito está na origem da vida comum e da sua diversidade. Paulo precisou explicar aos seus cristãos de Corinto que, em sua comunidade, unidade de vida e multiplicidade de dons provém de uma única fonte, o Espírito do Senhor Jesus. A abundância de carismas e ministérios serve à unidade de fé e de culto. Paulo dá algumas normas para viver em comum os dons do Espírito, mas não se admira com as dificuldades surgidas justamente por causa desses dons. Ter que enfrentar as crises na comunidade poderia abrir-nos os olhos para a presença do Espírito que vive nela.*

---

<sup>1</sup> *Traccia di riflessione e lavoro sul tema del CG27*, in ACG 413 (2012) 65.

<sup>2</sup> João Paulo II, *Discorso alla Plenaria della CIVCSVA* (20-11-1992), in OR 21.11.1992, n.3.

# I. A vida comum da primeira comunidade cristã (Atos 2,42-45; 4,32-35)

---

## Introdução

A atitude de comunhão e partilha na fraternidade, no atual momento de reflexão eclesiológica e de trabalho pastoral que estamos a viver como Família Salesiana em preparação à Bicentenário do nascimento de Dom Bosco e nós salesianos, em particular, para o próximo CG27, merece uma atenção especial. À luz da Igreja "mistério de comunhão" e em relação com os acontecimentos eclesiais que a caracterizam com o Ano da Fé e o Sínodo dos Bispos sobre a "Nova evangelização", o texto dos At 2,42-45; 4,32-35 aparece em toda a sua viva atualidade. Na verdade, não existe comunidade religiosa ou grupo eclesial que não esteja interessado em meditar sobre este testemunho da Igreja apostólica, que permanece normativa para a vida da Igreja de todos os tempos.

## O texto bíblico

*<sup>42</sup>Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, na reunião em comum, na fração do pão e nas orações. <sup>43</sup>De todos eles se apoderou o temor, pois pelos apóstolos foram feitos também muitos prodígios e milagres em Jerusalém e o temor estava em todos os corações. <sup>44</sup>Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum. <sup>45</sup>Vendiam as suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um.*

*<sup>32</sup>A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que eram suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era comum. <sup>33</sup>Com grande coragem os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. Em todos eles era grande a graça. <sup>34</sup>Nem havia entre eles nenhum necessitado, porque todos os que possuíam terras e casas vendiam-nas, <sup>35</sup>e traziam o preço do que tinham vendido e depositavam-no aos pés dos apóstolos. Repartia-se então a cada um deles conforme a sua necessidade.*

## Lectio, comentário exegético-espiritual

Iniciemos pelo quadro de referência de At 2,42-45 para, depois, relacioná-lo com At 4,32-35. O texto bíblico apresenta um modelo de comportamento para toda comunidade cristã e de vida consagrada. É o primeiro dos numerosos sumários, no qual Lucas apresenta um quadro, um tanto idealizado, mas "normativo", da existência eclesial. Ou seja, o evangelista expõe uma situação em que estão presentes os pontos válidos e necessários para a construção e a vida espiritual de toda comunidade de fé, ou o estatuto ontológico das relações dos primeiros cristãos: "*Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, na reunião em comum, na fração do pão e nas orações*" (v. 42). São quatro, então, as perseveranças com as quais toda comunidade religiosa deve confrontar-se para permanecer fiel ao evangelho e aos ensinamentos de Jesus.

1. *Perseverar no ensinamento dos apóstolos.* Sabemos que a *didaké* é diferente do *kérygma*, do primeiro anúncio: ela é obra de formação, de aprofundamento, de ilustração da pessoa e da missão do Senhor Jesus. Os cristãos da Igreja das origens escutavam a pregação e a palavra dos apóstolos, sendo, depois, introduzidos no conhecimento do evangelho para chegar à verdadeira experiência do Senhor como crentes maduros. Uma preocupação que acompanhou com frequência a história e a vida da Igreja, e do mesmo modo a existência de várias comunidades religiosas, foi a formação e o conhecimento do mistério de Cristo, ligado à vida de testemunho e de fé diante da Palavra de Deus.

2. *Perseverar na comunhão fraterna.* A comunhão fraterna (= *koinonia*) é a verdadeira vida comunitária entendida como solidariedade no plano material, união dos corações e participação nos bens espirituais comuns. Lucas é muito atento à fraternidade em todas as suas dimensões, da econômica ao desapego dos bens, ao pôr em comum os recursos espirituais pessoais. Era também a constatação de que os bens eram distribuídos "*segundo a necessidade de cada um*" (v. 45), um programa constantemente presente e um caminho construtivo no qual a Igreja primitiva exercitou-se constantemente.
3. *Perseverar na fração do pão.* É o sinal característico das reuniões cultuais dos primeiros cristãos, em que se renovavam os gestos de Jesus durante a última ceia. Mas indica também as refeições de Jesus com os pecadores e, depois, as do Ressuscitado com os discípulos. Estamos diante de uma clara alusão à Eucaristia. Esta era vivida nas casas como lugar da vida cristã, na consciência de que a mais pobre Eucaristia, quando celebrada na verdade e bem preparada, era essencial para a vida dos primeiros crentes. A verdadeira comunhão fraterna era celebrar bem a Eucaristia, consciente de viver a vida cristã em plenitude ao redor da mesa do Senhor.
4. *Perseverar nas orações.* O termo é usado no plural porque as formas das orações eram diversas. Rezava-se no templo, durante as refeições ou no silêncio das próprias casas. Aqui, Lucas acrescenta o elemento da "*perseverança*" (v. 42), porque é um dos traços típicos da oração, que deve ser feita "sem cessar" (1Ts 5,17). Para compreender esta atitude de relação com Deus, é preciso inseri-la no ensinamento espiritual tradicional da comunidade primitiva que, de maneiras diversas, buscava esse ideal: rezava sempre, "em todas as ocasiões" (Ef 6,18), "em todos os lugares" e "elevando mãos puras ao céu" (1Tm 2,8). Naturalmente, a oração estava ligada à caridade, tanto que Orígenes poderá dizer: "Reza sempre aquele que une a oração às obras que deve realizar, e as obras à oração. Só assim podemos considerar realizável o preceito de rezar incessantemente".<sup>3</sup> Percebe-se nestas poucas linhas dos Atos dos Apóstolos um clima de alegria, de frescor das origens, que conquista o coração de quem assiste a esta "reconstrução" de uma humanidade nova. Clima que sempre encantou os cristãos das gerações sucessivas.

O coração do discurso do texto bíblico, porém, está nas palavras: "*Nem havia entre eles nenhum necessitado*" (v. 34), porque a comunidade "*era um só coração e uma só alma*" (v. 32), realidade com que a tradição bíblica e a cultura profana sempre sonharam. De fato, a comunidade escatológica, dos últimos tempos, será caracterizada pelo fato de que "não deverá haver pobres no meio de ti" (Dt 15,4) e os gregos sonhavam ter "todas as coisas em comum". Toda comunidade que quer ser evangélica vive o desapego dos bens materiais no coração, premissa indispensável para chegar à concórdia dos espíritos e a metas de vida espiritual. A comunidade de Jerusalém é a realização da meta definitiva, perfeita. Nas metas intermédias, as nossas, realiza-se a previsão de Jesus: "*pobres, sempre os tereis*" (Mc 14,7). Enfim, o texto acrescenta: "*Com grande coragem os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus*" (v. 33). É um inciso que não parece homogêneo com o restante do texto. Vários exegetas, porém, fazem observar oportunamente que Lucas quer afirmar que a coragem do testemunho da ressurreição do Senhor vem justamente da vida fraterna. Atenção às necessidades alheias e desapego dos bens materiais são elementos básicos para se construir uma comunidade fraterna e, ao mesmo tempo, tornar particularmente eficaz a proclamação da Palavra no Senhor Ressuscitado.

### **Meditatio** aplicada à vida salesiana

O acontecimento do primeiro Pentecostes, com a explosão do Espírito e o entusiasmo da primeira conversão de massa, termina de modo inesperado: pessoas diversas começaram a viver um estilo de vida fraterna. Vem o Espírito e o sonho irrealizável da fraternidade torna-se possível: sentir-se irmãos e viver como irmãos. De todos os milagres, prodígios e sinais, este é o mais impressionante: pessoas

<sup>3</sup> *De oratione* 12, PG 11,452.

que não se conhecem, entendem-se e falam a mesma língua da caridade, pondo em comum os seus bens. Algo de grandioso começou no mundo: o amor pelos outros se torna mais forte do que o amor por si mesmo. A fraternidade, prodígio de Pentecostes, manifesta a verdadeira face da Igreja e torna-se o motor da expansão do evangelho: livres e escravos, ricos e pobres, doutos e ignorantes, todos reunidos ao redor da mesma mesa, convivial e eucarística, para viver a nova realidade profética dos filhos de Deus, em Cristo, na força do Espírito.

Cultivar a fraternidade é a primeira e mais adequada contribuição à missão salesiana na Igreja, dado que o mais seguro fruto do Espírito é a construção de uma comunidade fraterna. Um artigo das primitivas Constituições escritas por Dom Bosco recitava: "Todos os congregados tenham vida comum, unidos somente pela fraterna caridade e pelos votos simples que os unam para formar um só coração e uma só alma e servir a Deus".<sup>4</sup> O modo de viver das comunidades surgidas dos apóstolos foi visto sempre como ponto de referência das Ordens e Institutos religiosos e de nós Salesianos. Mesmo hoje, este ideal elevado fascina, embora não falem os cétricos diante da possibilidade de viver esta fraternidade. Contudo, a fraternidade cristã é o primeiro sinal a apresentar para a evangelização do mundo e dos jovens. Não se trata apenas de reconhecer que somos discípulos do Senhor Jesus (Jo 13,35), mas é também sinal de que o Senhor Jesus é o enviado do Pai (Jo 17,21), não um dos profetas, mas o Profeta, o Filho.

A comunidade salesiana funda-se em Deus que é o seu modelo: "Deus nos chama a viver em comunidade, confiando-nos irmãos que devemos amar" (Const. 50). A vida comum em fraternidade, que na ótica salesiana tem como finalidade o amor e o serviço a Deus, realiza-se na missão pelos necessitados, sobretudo os jovens pobres e marginalizados pela sociedade. Esta vida exige afeto fraterno, partilha e união espiritual como se diz na nossa Regra de vida: "Por isso nos reunimos em comunidades, nas quais nos amamos a ponto de tudo compartilhar em espírito de família e construímos a comunhão das pessoas" (Const. 49). Ter um só coração, para nós salesianos, significa ter uma só vontade e os mesmos objetivos. Dom Bosco dizia a um clérigo salesiano: "Podes e debes estudar o modo de inflamar de santo amor de Deus todos os irmãos da nossa Sociedade, e não deter-te senão quando houver um só coração e uma só alma para amar e servir ao Senhor com todas as nossas forças ao longo de toda a nossa vida. Certamente, darás o exemplo disso *verbo et opere*".<sup>5</sup>

Quanto mais avançar o individualismo, tanto mais a comunidade não poderá apresentar-se como fraternidade em suas várias realizações. Fraternidade a construir com o esforço pessoal e o anúncio alegre do evangelho, feito de testemunho e de vida. O único modelo eclesial, que vem do texto bíblico, é o modelo da fraternidade; modelo não só teológico, mas comunitário a ser realizado como premissa de qualquer outra realização. Só a beleza de uma comunidade fraterna dará novo impulso e incisividade à missão salesiana. E sendo isso verdade, o modelo não pode ser deixado de lado como utópico ou poético ou muito vago, como às vezes se ouve dizer. Seria o triunfo de uma eclesiologia materialista que, em nome do realismo, não consegue ver o mistério da fraternidade, a grande novidade cristã na nossa sociedade.

### **Oratio**, que deve ser personalizada

Senhor, o texto de Pentecostes recorda-nos primeiramente que só o Espírito Santo é o fundamento da unidade e da concórdia da comunidade salesiana, o critério da comunhão na vida comunitária e pessoal. Estamos cientes de que ele continua a obra de Jesus na história, inspirando a hermenêutica existencial da vida cristã: empenha a comunidade eclesial, a vida religiosa, a existência de todo salesiano num contínuo esforço de reforma. Esta consiste na fidelidade criativa e responsável ao Espírito de Cristo e de Dom Bosco que nos vivifica.

---

<sup>4</sup> *Costituzioni primitive*, ms. in ACS 022 (1), c. I *Forma*, art. 1.

<sup>5</sup> *Epistolario. Introduzione, testi critici e note*. A cura di F. Motto, Roma, LAS, 1999, II 174.

Só assim a comunidade salesiana pode ser espaço de vida, quando o Espírito chega a libertar as energias da inteligência, da caridade, da liberdade, da criatividade de cada um, tornando-as evidentes na comunidade e na vida comum com os outros. A comunidade salesiana manifesta, então, a sua vocação profética: ser sinal de esperança, capaz de abrir horizontes de sentido e de possibilidade de vida para os jovens e indicar caminhos de comunhão fraterna e de comunicação com as diferenças culturais e religiosas. A redescoberta da centralidade da Palavra de Deus e do rosto do outro, sobretudo do pobre, do diverso, do não crente, do pertencente a outra religião, recordam a cada salesiano a sua vocação à escuta do mundo e dos rostos dos jovens, nos quais o Espírito Santo se personaliza, podendo ser contemplado nos frutos que produz, que são frutos de santidade (Gl 5,22).

-----

## II. Vida comum e variedade dos dons do Espírito (1Cor 12, 3-13)

---

### Introdução

Introduzem-nos na *lectio divina* as palavras de H. Urs Von Balthasar: "O movimento de amor entre o céu e a terra é guiado pelo Espírito Santo, que dá, assim, cumprimento à relação, unida a Cristo, com a Esposa São-Maria-*Ekklesia*. O cristão vive no centro desse evento, que quer ser realidade também nele e por ele, através da sua entrega amorosa ao amor. A sua existência deve ser sempre tradução criativa, futuro de Deus perenemente no Espírito Santo".<sup>6</sup> E ainda as palavras da nossa tradição salesiana que define o espírito salesiano como "o nosso estilo de pensar e sentir, de vida e ação, em pôr em ação a vocação específica e a missão que o Espírito não cessa de nos dar. Ou, mais detalhadamente, o espírito salesiano é o conjunto dos aspectos e dos valores do mundo humano e do mistério cristão (Evangelho, antes de tudo, Igreja, Reino de Deus...) aos quais os filhos de Dom Bosco, acolhendo a inspiração do Espírito Santo em força da sua missão, são particularmente sensíveis, tanto na atitude interior quanto no comportamento exterior" (ACGS n. 86).

### II texto bíblico

***<sup>3</sup>Por isso, eu vos declaro: ninguém, falando sob a ação divina, pode dizer: Jesus seja maldito e ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão sob a ação do Espírito Santo. <sup>4</sup>Há diversidade de dons, mas um só Espírito. <sup>5</sup>Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. <sup>6</sup>Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. <sup>7</sup>A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum. <sup>8</sup>A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, por esse mesmo Espírito; <sup>9</sup>a outro, a fé, pelo mesmo Espírito; a outro, a graça de curar as doenças, no mesmo Espírito; <sup>10</sup>a outro, o dom de milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas. <sup>11</sup>Mas um e o mesmo Espírito distribui todos estes dons, repartindo a cada um como lhe apraz. <sup>12</sup>Porque, como o corpo é um todo tendo muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo. <sup>13</sup>Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos fomos impregnados do mesmo Espírito.***

---

<sup>6</sup> *Spiritus Creator*. Saggi teologici III, Morcelliana, Brescia 1972, 328.

## Lectio, comentário exegético-espiritual

A experiência da fraternidade vivida em comunidade e do Espírito são uma constante no Novo Testamento, mas as formas dessas experiências são múltiplas. Elas estão na origem da Igreja, e a Palavra de Deus mostra claramente como a presença do Espírito Santo age na vida da comunidade religiosa e nela imprime uma nota de unidade e de missionariedade.

A língua do Espírito é a Palavra de Deus que desce até o homem e leva a comunidade de fé a não impor a própria linguagem, mas a entrar na linguagem dos outros homens, a "dizer Deus" e anunciar o evangelho segundo as possibilidades e modalidades de compreensão do outro. Isso significa que São Paulo, em sua missão, viu nos destinatários do anúncio não um simples receptor passivo, mas um sujeito teológico cuja cultura determina formas e modalidades da própria missão. Obviamente, tudo isso tem consequências importantes em nível de vida comunitária e de realizações interpessoais: amar o outro significa escutá-lo, assumi-lo na sua diversidade, na sua alteridade, entrar na sua sensibilidade para poder comunicar-se com ele sem violência, ou seja, impondo-se a ele, mas na caridade e na verdade, isto é, abrindo-se positivamente à sua diferença. Para Paulo, esta ação pneumática, ação do Espírito que desce do alto, vem de Deus. Deste Espírito, São Paulo diz que se opõe à "carne" (cf. Gl 5,16-17), ou seja, à tendência egoísta do homem, ao fechamento em si, à recusa do encontro e da comunhão com o outro.

De fato, as primeiras comunidades cristãs experimentaram com alegria e vivacidade a presença do Espírito e reconheceram a variedade e a riqueza das suas manifestações e dos seus dons. Mas perceberam também que as manifestações do Espírito não estão isentas de ambiguidade. Assim, a certeza da presença do Espírito na comunidade não encerra o discurso no interior da comunidade, mas abre outro discurso novo e importante, sobre os instrumentos necessários para garantir aos vários dons presentes na comunidade a fidelidade à tradição e a capacidade de edificação comum.

Foi essa a experiência da comunidade de Corinto. A comunidade era rica de carismas e ministério, mas também de tensões e contrastes. Intervindo, Paulo afirma, primeiramente, que a variedade dos dons vem do Espírito, que é rico e não pode manifestar-se apenas de uma maneira. A uniformidade nunca é sinal do Espírito. Mas, para que a variedade dos dons seja sinal da sua presença e da sua ação, são necessárias três condições.

A primeira condição é a *fé* que encontra o seu centro na afirmação: "*Jesus é o Senhor*" (v. 3). Quem afirma que Jesus é o Senhor, vem do Espírito; quem afirma o contrário, não pode vir do Espírito. Mas, o que significa proclamar "Jesus Senhor"? Primeiramente, que Jesus de Nazaré, o Crucificado Ressuscitou, está presente e age agora na comunidade, e a sua estrada, a da Cruz, é a aquela a ser percorrida também pelo discípulo.

A segunda, é que a variedade dos dons encontre o ponto de convergência na *edificação comum*. Por trás da variedade dos dons de cada um há a caridade, o carisma superior e comum. Só nessa condição se pode falar de presença do Espírito.

Há um terceiro critério para discernir o Espírito: o carisma é concebido como função, como *serviço*, não como dignidade. O carisma não fundamenta uma dignidade, uma grandeza a fazer valer, mas uma tarefa a realizar, um serviço para os outros. Esta é a afirmação central, revolucionária, que Paulo desenvolve mediante a alegoria do corpo e dos membros. Um dom que fosse concebido como dignidade, como algo para si, a ser usado em vantagem própria, deixaria de ser carisma que vem do Espírito. O Espírito está presente lá – e somente lá – onde o dom se torna serviço e abertura aos irmãos.

## **Meditatio**, aplicada à vida salesiana

A Igreja é uma comunidade-comunhão rica de vários carismas. Dom Bosco fundador, no seu tempo, desconhecia e não falava de carismas, do que, contudo não estava privado. Ele implorava de Deus e da Auxiliadora graças especiais, que eram na realidade carismas. Baste pensar no dom da palavra que ele pediu e obteve no dia da sua ordenação sacerdotal. Sobre isso, o padre Ceria traz uma frase muito significativa: "*a graça das curas, o discernimento dos espíritos, o espírito de profecia* são carismas que excederam na vida do nosso Santo; não nos cansaremos de registrar os fatos, à medida que os dermos por comprovados".<sup>7</sup> Com São Paulo, nós chamamos carismas os dons de natureza e graça que estão a serviço da Igreja e para a edificação da comunhão fraterna. A nós salesianos, como a todo instituto religioso, "pede-se fidelidade ao carisma fundacional e ao conseqüente patrimônio espiritual".<sup>8</sup>

Ao falar do carisma de Dom Bosco fundador, o P. Egídio Viganò reconhecia-o na experiência original do "dom novo de Valdocco", enriquecida por elementos comuns da santidade cristã e pelo zelo apostólico, gerador de posteridade espiritual. São estes os elementos essenciais do patrimônio salesiano: a escolha original de aliança e união com o Espírito de Deus; a colaboração ativa e efetiva na missão da Igreja com estilo especial de vida espiritual; a forma típica de vida evangélica em estilo familiar de relações que saiba levar os jovens a Cristo. "Dom Bosco foi inspirado pelo Alto a querer para nós uma determinada forma de vida evangélica, maleável e adequada aos tempos, ágil e disponível para a missão entre a juventude, de permeação harmoniosa entre autenticidade religiosa e cidadania social, entre fidelidade à sequela de Cristo e flexibilidade aos sinais dos tempos".<sup>9</sup>

O Espírito e a Palavra de Deus aparecem, portanto, como elementos que presidem a harmonia da comunidade fraterna no seu interior e no mundo. Sobretudo entre os jovens, a comunidade salesiana é posta pelo Espírito como testemunha de Cristo, chamada a anunciar o Evangelho e a obra de Deus hoje. No seu interior, a comunidade situa-se na dialética fecunda da unidade na diversidade: o Espírito é único, mas se personaliza em cada um. Paulo afirma que a unicidade do Espírito se faz acompanhar da diversidade das manifestações, dos carismas (cf. 1Cor 12,4-11). E tudo isso está em continuidade com o testemunho de Cristo, cuja presença e palavra suscitaram tanto reações de acolhida como de rejeição.

O espírito salesiano recusa a monotonia das coisas pré-fabricadas e massificadas; a cada um, ele dá vocação e dons diversos, segundo a personalidade de cada um. As diversidades podem levar a um perigo também a nós salesianos, hoje como nos tempos de São Paulo, o perigo de catalogar, de se opor uns aos outros, de se enfrentar em confrontos inflamados. O Espírito exige unidade na diversidade, conservando cada um a própria personalidade. Dons e carismas pessoais existem em benefício do bem da comunidade, cujas condições que regulam tais carismas são viver a fé em Jesus Cristo, produzir frutos do Espírito, como a caridade, a paz, a alegria (Gl 5,22), praticando a regra de ouro da edificação comum (1Cor 14,26), feita de união com Deus e comunhão fraterna. Tudo isso vale para o dom da "profecia" que consiste em falar em nome de Deus que suscita no coração do crente palavras proféticas destinadas a promover o crescimento e a reforma da comunidade religiosa.

"O carisma de Dom Bosco é uma experiência do Espírito, transmitida aos seus discípulos para ser por eles vivida, conservada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento... com uma índole própria que comporta também um estilo particular de santificação e de apostolado".<sup>10</sup> Para nós salesianos a vida comum em fraternidade tem hoje uma adesão convicta e valorização plena, conscientes de que viver este aspecto significa fazer crescer os nossos carismas.

---

<sup>7</sup> MB XIII 572.

<sup>8</sup> VC 36b.

<sup>9</sup> E. Viganò, *Lettera ai salesiani*, 14 maggio 1981, in 'Lettere circolari', 309-310.

<sup>10</sup> E. Viganò, *Lettera ai salesiani*, 8 febbraio 1995, in "Lettere circolari", 1557.

## **Oratio**, que deve ser personalizada

O Espírito Santo é dom que vem ao coração do homem com a oração. Nela, ele se manifesta antes de tudo e, sobretudo, como dom "que vem em auxílio da nossa fraqueza". É o magnífico pensamento desenvolvido por São Paulo na carta aos Romanos (8,26) quando escreve: "Nós nem sequer sabemos o que seja conveniente pedir, ma o próprio Espírito intercede com insistência por nós, com gemidos inexprimíveis". O Espírito Santo, portanto, não só faz com que rezemos, mas nos guia na oração, "a partir de dentro", suprimdo a nossa insuficiência, remediando a nossa incapacidade de rezar: ele está presente em nossa oração e dá a ela uma dimensão divina. Dessa forma, "aquele que perscruta os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois ele intercede pelos crentes segundo os desígnios de Deus" (Rm 8,27). A oração por obra do Espírito Santo torna-se expressão sempre mais madura do homem novo que, por meio dela, participa da vida divina.

"A nossa época difícil tem particular necessidade da oração. Se no decorrer da história, ontem como hoje, homens e mulheres em grande número deram testemunho da importância da oração – consagrando-se ao louvor de Deus e à vida de oração, sobretudo nos mosteiros, com grande proveito para a Igreja – nestes últimos anos vai crescendo também o número das pessoas que, em movimentos e grupos cada vez mais desenvolvidos, põem a oração em primeiro lugar e nela procuram a renovação da vida espiritual. Trata-se de um sintoma significativo e consolador, uma vez que desta experiência tem derivado uma contribuição real para a retomada da oração entre os fiéis, os quais, desse modo, foram ajudados a melhor considerarem o Espírito Santo como Aquele que suscita nos corações uma profunda aspiração à santidade".<sup>11</sup>

Giorgio Zevini, SDB

---

<sup>11</sup> João Paulo II, *Dominum et vivificantem*, 18 de maio de 1986, n. 65.